# Harmonia entre as gerações

Chegando à décima edição, o evento reuniu profissionais de diferentes áreas e faixas etárias para mostrar como a harmonia entre as gerações pode ajudar a combater estereótipos que acompanham o processo de envelhecimento e as pessoas idosas

iscutir a relação da pessoa idosa com as gerações mais jovens, promovendo um mundo mais longevo, com mais harmonia e livre do idadismo, foi o tema central da décima edição do Fórum Internacional da Longevidade, organizado pelo Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-BR), que aconteceu no Rio de Janeiro, no dia 23 de novembro do ano passado.

O Fórum reuniu especialistas de diversas áreas para discutir a intergeracionalidade em diferentes aspectos da vida. Temas como trabalho, ciência, políticas públicas, espaço urbano e atenção à saúde tradicionalmente estiveram presentes nas edições anteriores do evento, mas outros foram acrescentados diante das necessidades do mundo atual e da importância de se pensar no futuro da velhice. Assim, tópicos como arte e cultura, o envelhecimento nas comunidades LGBTQIA+ e a necessidade de valorizarmos a ancestralidade também ganharam destaque.

Outro ponto de atenção foi a discussão sobre a criação da Liga Ibero-Americana de Combate ao Idadismo, que contou com a presença de especialistas brasileiros, além de profissionais de outras nacionalidades, como o português José Carreira, fundador do movimento Stop Idadismo, e a argentina Silvia Gascon, diretora do departamento de mestrado em Gestão de Serviços de Gerontologia da Universidade Isalud, em Buenos Aires.

O presidente do ILC-BR, o médico Alexandre Kalache, também copresidente da Age Friendly Foundation, com sede em Boston, abriu o evento manifestando mais uma vez a sua satisfação em poder fazer parte dessa iniciativa que há dez anos promove discussões pioneiras e de alto nível a respeito da longevidade no país. Em sua fala, Kalache acrescentou a importância de manter vivo o sonho de tornar a velhice um momento melhor para todos. "Nós não

envelhecemos enquanto temos sonhos", disse ele.

Sobre o tema principal – harmonia entre as gerações –, Julia Ferre, do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da Organização das Nações Unidas (ONU), sediado em Nova York, destacou que ele é muito atual e salientou que a solidariedade entre as pessoas está alinhada com o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, adotado em 2002 pela organização na II Assembleia Mundial do Envelhecimento em Madri. "O envelhecimento é um fenômeno que afeta todos os países do mundo, e as projeções indicam que até 2050 o número de pessoas com 65 anos ou mais tende a ser o dobro do número de crianças com menos de 5 anos de idade e igual àquelas com menos de 12 anos. Precisamos falar de políticas públicas para a pessoa idosa", ressaltou Julia. Opinião similar tem o médico José Ricardo Jauregui, presidente da Associação Internacional de Gerontologia e Geriatria, que lembrou, de Buenos Aires, da urgência de falar sobre esse assunto, dada a necessidade de integrar as pessoas com mais idade na Sociedade global.

De volta ao modelo presencial, ainda que com sessões híbridas, o X Fórum Internacional da Longevidade foi dividido em apresentações que não se dispuseram a apresentar trabalhos científicos ou promover longos debates. A ideia foi fomentar conversas enriquecedoras sobre os temas propostos. No total, foram realizados dez painéis. A seguir apresentamos os principais pontos de cada um deles.

#### Painel 1: Arte e Cultura

Com toda a sua potência, o coreógrafo Ivaldo Bertazzo foi o responsável pelo primeiro painel do Fórum. Especialista em fisiologia do movimento, ele começou a sua apresentação propondo uma dinâmica diferente para a plateia. Sentados, com as costas descoladas das poltronas, todos foram convi-

dados a expirar e inspirar, fazendo o movimento de encher e esvaziar uma bexiga. Tudo não passava de uma brincadeira, mas o que ele queria mostrar era como a força de um movimento simples, o labial, mexia com todo o corpo.

Justamente por isso, ele enfoca tanto a necessidade do trabalho corporal e toda a sua representatividade dentro das culturas e, claro, entre as gerações. Para ilustrar a sua ideia, ele mostrou o trabalho de dança que fez com adolescentes moradores de uma comunidade na periferia do Rio de Janeiro. Se antes apenas o funk fazia parte da cultura desses jovens, Bertazzo levou um trabalho em que a dança tem um simbolismo muito grande. Ela fala a partir do corpo, das suas mãos, das expressões faciais, da voz – tudo isso é insumo para as coreografias que ele criou junto com os alunos. Desse projeto nasceram os espetáculos de dança *Samwaad*, *Milágrimas* e *Mar de Gente*. Este último contou até com a participação da atriz Fernanda Montenegro, nas apresentações que aconteceram na capital fluminense.

A dança, tão importante emocional e fisiologicamente para os jovens, também gera impactos positivos para a pessoa idosa. "Nossos gestos, nossas bases motoras têm os mesmos padrões e isso nos uniformiza. Está em nosso DNA, só precisamos colocar para fora", explicou. O problema, segundo Bertazzo, é que ainda se dá muita atenção à

A PESSOA IDOSA TRAZ

UM POTENCIAL CULTURAL E

HISTÓRICO E, NO TRABALHO, ISSO

LHE DÁ CONDIÇÕES DE OLHAR

PARA O PASSADO, O PRESENTE E O

FUTURO COM VISÃO AMPLIADA."

motricidade no bebê, nos primeiros anos de idade, mas esse processo se encerra na puberdade. "A motricidade nos acompanha até o último dia de vida. O jovem tem que aprender a usar as suas potencialidades corporais para ter uma experiência para o corpo do futuro", disse.

Por ora, porém, a pessoa idosa precisa aprender a treinar as suas habilidades e estimular as potencialidades do seu corpo, já que isso nunca lhe foi ensinado ao longo da vida. "Hoje eu preciso trabalhar com a perda dos 50+. Porém, não precisamos esperar chegar a isso. O psicomotor não se encerra aos 22 anos. Ele caminha junto com o envelhecimento. E isso não pode ser desprezado", finalizou Bertazzo.





À esquerda, Alexandre Kalache, presidente do ILC-BR, abre o evento; à direita, participantes fazem exercício proposto pelo coreógrafo Ivaldo Bertazzo

#### Painel 2: Trabalho

A questão da inserção da pessoa idosa no mercado de trabalho é um tema sempre em alta e que o ILC-BR procura trazer constantemente em seus eventos. Com uma população 50+ cada vez mais ativa e crescendo exponencialmente, é inconcebível aceitar que essa pessoa não encontre espaço no mundo laboral. "O preconceito etário no mercado de trabalho é muito forte. As empresas dizem que não têm preconceito, mas também não contratam", explicou Mórris Litvak, CEO da Maturi, plataforma que reúne oportunidades de trabalho para pessoas maduras e faz a capacitação de idosos que queiram empreender.

Além de representar um incremento financeiro importante na família, já que muitos idosos seguem sendo arrimo familiar, como ficou patente no auge da pandemia, o trabalho tem um aspecto importantíssimo na preservação da autoestima do indivíduo 60+. Como exemplo, Litvak contou a história de sua avó, que trabalhou até os 80 anos como secretária e tradutora. Era extremamente ativa, mas, por causa de uma queda que ocasionou traumas importantes, precisou se aposentar. A partir daí, a família acompanhou o rápido declínio de sua saúde física e mental.

A dúvida que fica é: como integrar profissionais jovens e profissionais que já estão há décadas no mercado, com formações e experiências completamente diferentes? Para Eduardo Danilo Schmitz, doutor em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que pesquisou o tema trabalho entre os mais velhos, a empresa que promove essa integração tem muito a ganhar. "A pessoa idosa traz um potencial cultural e histórico e, no trabalho, isso lhe dá condições de olhar para o passado, o presente e o futuro com visão ampliada. Por outro lado, os jovens precisam de mentores e podem agregar aos idosos trazendo conhecimentos atuais, como o mundo digital, por exemplo. As gerações se ligam", disse Schmitz. Ele completou que "jovens gestores e trabalhadores mais velhos apreciam essa interação, mas faltam políticas dentro das empresas para incentivar essa relação. E é nessas brechas que entram o preconceito e o estereótipo de que o idoso não tem nada mais para agregar".

Para isso acontecer, as empresas precisam criar ambientes propícios para que jovens e idosos trabalhem juntos. Segundo o pesquisador, isso significa criar uma atmosfera em que a pessoa 50+ se sinta confiante para ser quem é, sendo respeitada nas suas limitações e valorizada pela sua experiência e pelo que pode agregar dentro da instituição.

Apesar de uma conscientização crescente, muito ainda precisa ser feito para promover esse intercâmbio de gerações, por uma razão bem simples: o envelhecimento da população. A estimativa é de que, em 2040, 57% da força de trabalho tenha mais de 45 anos. Assim, contratar uma pessoa mais velha não será somente uma questão de inclusão, mas também de estratégia e até mesmo de sobrevivência.

A importância de combater o idadismo impõe ações imediatas, e uma das iniciativas no campo do trabalho no Brasil é feita pela Maturi. Em seu portfólio está a conferição do selo CAFE (Certified Age Friendly Employer), destinado a empresas que estão comprometidas e são consideradas pelos próprios profissionais 50+ as melhores onde podem trabalhar. Esse programa foi criado pelo Age Friendly Institute, sediado em Boston. Nos Estados Unidos, mais de mil empresas já foram agraciadas com o selo. Entre nós a Maturi começou a certificar as empresas no final de 2022 e já há algumas interessadas. "O reconhecimento por parte das empresas em relação ao público idoso ainda é um processo lento, mas estamos evoluindo", comemorou Litvak.

Para finalizar o painel, Kalache fez um alerta: "Temos que deixar o mundo pronto para o idoso que quer – ou precisa – trabalhar. E só vamos conseguir com iniciativas como essas do Mórris Litvak e do Eduardo Schmitz."

#### Painel 3: Ciência

"Quando pensamos em cientistas, logo nos vem à cabeça a pessoa que fica entre quatro paredes, com tubo de ensaio na mão. Isso também é ser cientista, mas não é só. Todos nós podemos fazer ciência, pois ciência é produção de conhecimento. Ciência não deveria ser privilégio de 'cientistas', mas sim incorporada à prática do dia a dia de qualquer profissional: a busca de resultados, de evidência de que nossas ações estão atingindo os objetivos almejados. Quando o país investe em ciência, em troca de informações e compartilhamos essas práticas, todos crescemos juntos." Foi assim que a médica geriatra Karla Giacomin, vice-presidente do ILC-BR e coordenadora da Frente Nacional de Fortalecimento às Instituições de Longa Permanência para idosos (Frente-IL-PI), abriu o painel "Ciência", por ela moderado.

Na sequência, ela apresentou a gerontóloga Inês Rioto, que realizou uma pesquisa sobre as moradias para pessoas idosas. O resultado foi compilado no livro Morar 60 Mais - Revolucionando a Moradia em Face da Longevidade. Um dos primeiros pontos constatados em sua pesquisa é que os outros países estão bem à frente do Brasil na questão de moradia para idosos, principalmente Estados Unidos e Europa. Lá fora, o movimento de condomínios somente para pessoas com mais idade já está ficando para trás e cresce o movimento de integração. "Não é verdade que os idosos não gostam de viver com os mais novos ou vice-versa. Há projetos em que as pessoas mais velhas recebem os estudantes para morar em suas casas enquanto eles estão frequentando a universidade. Esse é um projeto que começou no Porto, em Portugal, e ilustra como uma ideia simples pode vingar", esclareceu Inês. Segundo ela, os espaços que preservam a intergeracionalidade são importantes, pois ajudam a romper a solidão, problema comum experimentado por idosos e frequentemente associado a depressão. Pelo lado do jovem, isso permite que ele se beneficie do conhecimento e da experiência da pessoa mais velha.

No Brasil ainda falta um olhar cuidadoso para essas questões. O Estatuto do Idoso, por exemplo, garante ao idoso o direito à moradia digna, seja com sua família, seja com quem queira morar, ou sozinho, se assim o desejar. O documento estipula ainda que os programas habitacionais desenvolvidos pelo governo reservem pelo menos 3% das unidades para atendimento aos idosos, preferencialmente, no térreo e em local sem barreiras que impeçam a acessibilidade. Mas o Estatuto está longe de ser seguido à risca.

Uma das razões que explicam a falta de interação entre os jovens e os mais idosos no contexto de moradia é a falta de dados que a incentivem. É imperativo realizar pesquisas, assim como inserir o tema envelhecimento nos currículos, desde o ensino fundamental até a pós-graduação. "Temos que perceber as distâncias das relações e olhar para trás, na infância, na construção da ideia sobre o envelhecimento, sobre como envelhecer. Temos que construir essa relação harmônica, mas considerando as particularidades da vida da criança, do jovem e também da pessoa idosa", afirmou Marina Fagundes Gueiros, especialista em saúde pública, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ela defendeu a ideia de que a gerontologia deveria ser uma

A IDADE, PARA A COMUNIDADE
LGBT, É UM POUCO DIFERENTE DO
QUE PARA A SOCIEDADE COMO UM
TODO, JUSTAMENTE PORQUE A GENTE
NÃO SE VÊ NA TERCEIRA IDADE. NÃO
TIVEMOS ESSAS REPRESENTAÇÕES
QUANDO ÉRAMOS CRIANÇAS."

disciplina presente em cursos diversos, como história, arquitetura, engenharia, para promover um olhar dentro de cada profissão para essa fase da vida. Isso também é fazer ciência. "Porque harmonia não é só se juntar ao outro, mas entender que o outro é uma extensão de mim e que eu sou um percurso do outro", explicou Marina.

A ciência, nesse contexto, ganha ainda mais importância, porque é por meio dela que se combatem conceitos ultrapassados e que não podem mais ser replicados, como aquele que acredita que a velhice é uma etapa ruim da vida. "Não podemos desprezar a sabedoria popular que está presente na pessoa idosa", destacou Karla Giacomin.

#### Painel 4: Treinamento para a saúde

Será que estamos preparando nossos profissionais de saúde para lidar com as pessoas mais velhas? Essa provocação inicial de Alexandre Kalache é de suma importância para um país que tão rapidamente envelhece. A pergunta pode parecer óbvia. Porém, o mero fato de que, segundo a Sociedade Brasileira de Gerontologia e Geriatria, temos uma carência de 28 mil geriatras no país mostra que não estamos atraindo os profissionais de saúde para a área de envelhecimento. No entanto, não é só de especialistas que necessitamos. É preciso que todos os futuros profissionais (e não só da saúde) aprendam mais sobre envelhecimento, pois a demanda só irá crescer. A formação dos universitários sobre a área, entretanto, é muito insuficiente.

"Não saímos da graduação preparados para lidar com o envelhecimento. Faltam desde os passos essenciais em rela-

ção à fisiologia do envelhecer e diagnósticos até escuta ativa. Todos estamos envelhecendo. Precisamos de uma reforma no nosso currículo para justamente tentar nos adaptar para as mudanças não só demográficas e biológicas, mas também psicossociais que são diuturnas e inexoráveis", alertou a médica Caroline Almeida da Costa Pedroso, da Clínica da Família Aloysio Augusto Novis, da Prefeitura do Rio de Janeiro. Um dos problemas que envolvem essa questão é que a velhice ainda é um tabu e as pessoas se afastam disso.

O painel ainda levantou a questão da necessidade de equipes interprofissionais para lidar com as políticas públicas de saúde. "A medicina no Brasil continua muito médica. Mas temos que ter um time. Só conseguiremos ir para a frente se tirarmos esse corporativismo médico. Precisamos aprender a agir com outros profissionais da saúde", disse o médico Rubens Belfort Jr., ex-presidente da Academia Nacional de Medicina. Nesse sentido, outros profissionais da saúde, inclusive de idades diferentes, mesclando mais uma vez o conhecimento dos mais jovens com os mais velhos, poderiam agregar muito com seus conhecimentos na saúde pública. Segundo o médico, a maneira de fomentar essa prática é colocar todos os profissionais para estudarem juntos, criando um ambiente único de estudos. Dessa maneira, uniformizam-se as experiências, tanto em relação às especialidades como também às gerações.

#### Painel 5: Educação

Por meio do exemplo da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), o quinto painel explorou a harmonia intergeracional e a transmissão de conhecimento através de gerações na educação. Pedro Luiz Pereira de Souza e Silvia Steinberg, professores da escola, contaram sobre a instituição, fundada em 1962 com caráter de escola experimental e incorporada à Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) treze anos depois. "Mesmo assim não perdemos esse caráter experimental, que é o que a mantém viva, sendo capaz de incluir todas as diferenças no meio acadêmico", explicou Souza. Um exemplo disso é que a ESDI foi a primeira faculdade pública a implementar a lei de cotas e até hoje é referência na integração entre as diferentes classes sociais.

Mas não para por aí. "É uma escola de incluir diferenças de pensamentos e de idades. Um profissional passa o bastão para o outro, promovendo a harmonia intergeracional",

lembrou Kalache. O que acontece é que os ex-alunos são constantemente convidados para assumir funções docentes na própria instituição, reforçando a importância da história da escola e essa troca entre as gerações. Segundo Silvia, sete ex-alunos já foram diretores da ESDI, inclusive o próprio Souza. Outros 27 alunos se tornaram professores. "Em momento de crise, por exemplo, todos se reúnem para juntos resolverem a questão: o diretor da terceira geração, professores e alunos. Todos produzem juntos", finalizou.

#### Painel 6: LGBTQIA+

"Por que não falar desse assunto? Temos que dar visibilidade a esse tema." Foi com essa provocação que o médico geriatra Milton Crenitte, coordenador do Ambulatório de Sexualidade da Pessoa Idosa do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, abriu o sexto painel, que foi por ele mediado. Especialista nesse tema, ele frisou a falta de visibilidade das pessoas dessa comunidade quando elas passam dos 50 anos de idade.

Foi pensando em como dar voz a essas pessoas que o jornalista Yuri Fernandes criou a série LGBT+60: Corpos que Resistem, que ganhou o Prêmio Longevidade Bradesco e o Prêmio Cidadania em Respeito à Diversidade LGBT+. Em nove depoimentos comoventes, a série retrata a história de membros da comunidade e todo o preconceito e as dificuldades que passaram ao longo da vida. "São vários tabus que precisam ser quebrados com essas histórias. A idade, para a comunidade LBGT, é um pouco diferente do que para a sociedade como um todo, justamente porque a gente não se vê na terceira idade. Não tivemos essas representações quando éramos crianças. Nossos avós eram heterossexuais; nas novelas, os idosos são heterossexuais. Quando colocamos em uma novela dois personagens idosos como casal é um boicote, não pode. Então falta essa representatividade. É algo que precisamos melhorar na nossa sociedade", diz Fernandes.

Durante o painel, ele exibiu o episódio que narra a história de Martinha, uma dona de casa trans que conta sua história de sobrevivência e resistência. "Martinha simboliza uma questão que perpassa a comunidade LGBT: ela não estava preocupada em envelhecer, mas em sobreviver. Envelhecer foi consequência. Ainda existem muitas Martinhas no Brasil", disse Fernandes.

Luis Baron, presidente da pioneira ONG Eternamente-Sou, afirmou que os avanços conquistados até aqui para a velhice LGBT seriam impensáveis há uma década. "Eu vivi para ver uma deputada federal trans ser eleita. Eu vivi para estar com meus pares mais jovens", comemorou. Mas ainda há muitas batalhas, como o idadismo. Ele lembrou que a questão do idadismo dentro da comunidade, particularmente para ele, foi mais difícil de entender do que o próprio fato de assumir a sua orientação sexual. "Quem tem direito à velhice na nossa comunidade? São aves raras. Precisamos falar sobre envelhecer, longevidade e sexualidade na comunidade LGBT. Isso é quebrar paradigmas", alertou Baron.

#### Painel 7: Família e avosidade

Trocando histórias que passaram com seus avós, a pesquisadora Mariana Alves do Nascimento, da Universidade de Frankfurt, e o jornalista Fernando Aguzzoli Peres, ponto focal temático em comunicação e envelhecimento no ILC-BR, emocionaram a todos os presentes no Fórum Internacional





Acima, o jornalista Fernando Aguzzoli e a pesquisadora Mariana Nascimento falam de avosidade; abaixo, os médicos Rubens Belfort Jr. e Caroline Pedroso discutem a formação dos profissionais de saúde para lidar com o envelhecimento PRECISAMOS ENTENDER

QUE CIDADES QUEREMOS. E TEMOS

QUE COLOCAR AS PESSOAS NO

CENTRO DA CONVERSA. AS PESSOAS

IDOSAS SABEM O QUE QUEREM

NO ENTORNO EM QUE VIVEM."

da Longevidade.

A proximidade com a avó Nilva e os cuidados que dedicou a ela depois do diagnóstico de Alzheimer fizeram com que Aguzzoli, neto único, passasse a ser seu cuidador principal. Ele trancou matrícula na faculdade e assumiu o papel, com leveza, senso de humor e muita dedicação. E assim foi nos seis anos seguintes, até seu falecimento. A rica experiência resultou no livro best-seller Quem, Eu?. A partir daí, ele direcionou suas atividades profissionais para o olhar atento oriundo dessa relação familiar. Ele lembrou que sua avó sempre fez questão de ser próxima dele, mostrando interesse pelos seus assuntos, promovendo, mesmo sem intenção, uma mescla riquíssima de gerações. Mariana também teve a oportunidade de ficar ao lado da avó durante toda a sua criação e, por causa disso e observando a sua avó, também direcionou as suas pesquisas. "Quando vi que minha avó estava passando muito tempo dentro de casa porque o espaço urbano estava ficando hostil para ela, vi que precisava estudar sobre isso. Fiz arquitetura e depois fui estudar gerontologia. Essa relação direcionou a minha carreira", contou Mariana, que hoje é pesquisadora da longevidade com foco em envelhecimento urbano.

Eles chamaram a atenção para a necessidade de se incentivar a intergeracionalidade, principalmente nos dias atuais, em que as famílias estão ficando menores e o risco de perder histórias e memórias se torna maior. A relação de avós e netos é grandiosa para ambas as partes – tanto Mariana quanto Aguzzoli se emocionaram ao contar histórias de suas avós, que foram tão presentes e que até hoje ocupam um enorme espaço em suas vidas. Por causa dessa vivência, ambos lamentam o distanciamento dessas gerações

nos dias de hoje. Para Aguzzoli, é doloroso ver amigos que não tiveram a oportunidade de conviver com seus avós. "Me preocupa muito ver crianças que nascem e não aprendem o conceito de avosidade", declarou.

Diante desse cenário, Mariana reforçou ainda um outro aspecto: quem vai cuidar dos idosos? "A pessoa idosa está ali, tem sentimentos, raciocínio, está presente e precisa ser ouvida e respeitada", disse a pesquisadora.

#### Painel 8: Cidade

Com o aumento da população idosa e as perspectivas dos próximos anos, é urgente discutir se as cidades estão preparadas para essa comunidade. "No início do século 21, constatamos que as cidades não estavam preparadas para uma população de pessoas idosas crescente. São duas tendências universais, o envelhecimento e a urbanização: mais e mais pessoas envelhecendo em contextos urbanos. Então, em 2005, por meio da OMS, lançamos a ideia de desenvolver um projeto que trouxesse esses dois fenômenos paralelos que moldarão o século XXI, no Congresso da Associação Internacional de Gerontologia. Em 2007, foi lançado o Guia da OMS das Cidades Amigas da Pessoa Idosa", ressaltou Kalache.

O guia foi desenvolvido pela OMS com base no Protocolo de Vancouver, aplicado em 33 cidades ao redor do mundo com a finalidade de guiar a pesquisa que levou à sua elaboração. A gerontóloga Ina Voelcker, da German National Association of Senior Citizen's Organisations, que participou do painel, foi responsável pela adaptação do Protocolo de Vancouver para o contexto brasileiro. Na ocasião ela trabalhava no ILC-BR. Kalache reforçou que "falamos em cidades, mas os princípios norteadores do guia servem para universidades, bancos, empresas. A ideia é preparar as sociedades, mundo afora, para o envelhecimento". E, se for amigo do idoso, será amigo de todas as idades.

Dando continuidade ao trabalho iniciado por Kalache, Thiago Hérick de Sá, doutor em Saúde Pública, é hoje o responsável pela Rede Global da OMS de comunidades e cidades amigas das pessoas idosas. Ele ressaltou a importância de se preparar o espaço urbano para acolher as pessoas 50+. "Precisamos entender que cidades queremos. E temos que colocar as pessoas no centro da conversa. As pessoas idosas sabem o que querem no entorno em que vivem. Elas

precisam ser ouvidas em todos os estágios da vida. Temos que pensar em uma sociedade e como as necessidades básicas são desenvolvidas. É nesse espaço que a pessoa idosa vive, trabalha, cresce. Temos que construir essas sociedades em que todos vivam melhor", afirmou Thiago.

Nesse sentido, já há iniciativas interessantes ao redor do mundo, inclusive no Brasil. Um exemplo é São José do Rio Preto, no interior de São Paulo, que implantou o programa Cidade Amiga para Todas as Idades. Com uma população 60+ equivalente à de crianças e adolescentes, a cidade está se preparando para se tornar um lugar amigável para essas pessoas. "Todos os setores públicos precisam trabalhar juntos para que os projetos aconteçam. Não é mais possível não considerar as pessoas com vulnerabilidade. É nossa responsabilidade entender que a cidade é de todos. Porém, temos um desafio: deixar de ver a cidade como um fragmento e passar a olhar como ações transversais. E o idoso tem que ser escutado sempre", declarou Amena Ferraz, da Secretaria Municipal de Saúde de São José do Rio Preto. Segundo ela, o primeiro passo desse programa foi, justamente, escutar o idoso.

São José do Rio Preto é um dos exemplos da aplicação criteriosa do projeto da OMS, mas há outras. As cidades amigas do idoso, de fato e não apenas no papel, são ainda exceções. Por isso, é importante falar cada vez mais sobre esse tema. "É mais do que arrumar calçadas. Temos que pensar em como preparar as cidades para receber a pessoa idosa, colocar os projetos que estão no papel em ação, pensar em sua sustentabilidade, reservar sempre, ao idoso, um papel protagonista. É um compromisso que devemos sempre esperar dos governos em todos os níveis, pessoas idosas vistas como cidadãs plenas", enfatizou Kalache.

## Painel 9: Liga Ibero-Americana de Combate ao Idadismo

Quando falamos de harmonia entre gerações, um dos pontos mais associados a esse tema é o idadismo. Esse preconceito em relação à idade afeta principalmente a população idosa, que é vista, muitas vezes, sem capacidade, excluída e até esquecida. E um dos meios de combatê-lo é promovendo a integração entre as gerações. Como dito durante o Fórum, ambos têm muito a aprender. Jovens aprendem com os idosos, que por sua vez se beneficiam dessa interação.

Nesse sentido, surgiu a ideia da criação da Liga Ibero-Americana de Combate ao Idadismo. O sinal de partida para a construção dessa liga foi dado por Kalache em abril de 2021, na ocasião do lançamento do movimento Stop Idadismo, de Portugal. "É uma oportunidade ligar Portugal e Brasil, países que têm muitos laços que nos unem, e ir além, alcançar os países de cultura ibero-americana. Hoje a maioria das publicações sobre idadismo é em língua inglesa e, se nos basearmos somente nelas, acabaremos engessados e engolidos por modelos culturais que não nos servem", disse Kalache. A ideia da liga é trazer para os países iberoamericanos o rigor com que o idadismo vem sendo tratado em terras anglo-saxônicas mas preservando nossos valores e peculiaridades. O movimento busca promover a conscientização sobre esse tipo de discriminação, desenvolver a capacidade de detectá-lo em nós mesmos, em outras pessoas e nas instituições e atuar em sua desconstrução.

Mauricio Einstoss de Castro Barbosa, coordenador do projeto do ILC-BR contra o idadismo, ressaltou que a liga foi criada baseando-se em três vertentes. "Com isso, procuramos promover a harmonia entre as pessoas que querem combater o idadismo nos países ibero-americanos", disse. As três vertentes são: (1) levantamento de instituições ligadas ao envelhecimento e combate ao idadismo que poderiam ser parceiras, como centros acadêmicos, sociedade civil e órgãos públicos; (2) movimentos e iniciativas já existentes nos países ibero-americanos e outros lugares do mundo, principalmente aqueles com uma população idosa numerosa, para fornecer experiências e novos modelos de combate ao idadismo; e (3) levantamento de literatura recente sobre o assunto e tradução em português e espanhol de materiais que orientam para o combate ao idadismo.

Representantes estrangeiros que fazem parte dessa liga também participaram do painel e falaram sobre o papel da cidadania para os países trabalharem na promoção de iniciativas a nível global. José Carreira, presidente do movimento Stop Idadismo em Portugal, ressaltou a importância da união dos países da América Latina, assim como Espanha e Portugal, para que possam evoluir e desenvolver uma sociedade menos preconceituosa em relação às pessoas mais velhas. "Todos os dias temos a certeza de que essa liga é fundamental. Uma cidade não pode ser amiga do idoso se não investir na inclusão dos mais velhos. Esse preconceito

O JOVEM POTENCIALIZA O
VELHO. O QUE ME MANTÉM COM
VIGOR É O DIÁLOGO QUE TENHO
COM MEUS FILHOS, COM MEUS
NETOS [...]. ESSA APRENDIZAGEM ME
POTENCIALIZA E É UMA MANEIRA DE
CULTIVAR ESSA ANCESTRALIDADE."

é uma questão ideológica, estrutural e institucional", afirmou. Segundo ele, Portugal mudou muito nos últimos anos e o próprio governo vem dando atenção especial ao envelhecimento ativo e saudável. Mas ainda há muito a percorrer. "Queremos chamar a atenção para a necessidade de mais políticas públicas para esse envelhecimento com qualidade de vida e com participação cívica. Estamos trabalhando na capacitação de empresas para o que ainda precisa ser feito a favor dessa população", disse Carreira.

Silvia Gascon, da Universidade Isalud, na capital argentina, compartilhou a ideia da importância da harmonia entre as gerações para combater o idadismo. "Nós pertencemos a uma geração que sonhou com um mundo novo, que sonhou em mudar tudo e promover a equidade. Somos as primeiras mulheres a chegar ao mercado de trabalho. Antes isso era uma exceção. Agora precisamos reinventar a maneira de envelhecer, falar de respeito, de oportunidades, de trabalho. Essa é uma luta de todas as gerações. Lutamos por um mundo melhor, de cuidado, de mais justiça e oportunidades para todos", ressaltou Silvia.

Assim, quanto mais setores se envolverem nessa luta, mais força ela ganha. Carreira ressaltou que na Universidade de Vigo, na Espanha, a Faculdade de Comunicação criou uma cátedra para tratar de idadismo. A ideia é inserir o assunto entre os estudantes e consolidar a luta contra esse preconceito na comunicação. Para isso, a faculdade planeja a realização de cursos, oficinas e conferências, além de atividades acadêmicas para fomentar a relação intergeracional.

O jovem que começa a ocupar a centralidade da socie-

dade precisa ser incluído desde já nesse debate contra o idadismo, de acordo com Silvia, pois é hoje que começa a preparação para o futuro. Não basta somente pensar no individual, porque o coletivo fará a diferença na vida dele. Cidades mais preparadas, mais oportunidades de emprego, mais políticas públicas que acolham essa população e mais respeito pela história e pela experiência da pessoa idosa são bandeiras que precisam ser levantadas já. "A proposta é que todos se tornem ativistas. Todos, os já idosos hoje e os que almejam sê-lo no futuro, temos que ser contra o idadismo", afirma Kalache.

### Painel 10: Ancestralidade

O clímax do Fórum foi sua sessão final, em que a renomada escritora Conceição Evaristo falou sobre a ancestralidade e a sua influência na perpetuação da cultura e no combate ao preconceito. Na abertura, Kalache falou sobre a trajetória de Conceição, considerada um ícone da literatura brasileira, e sua história de exclusão e superação. Ele também con-





Acima, a escritora Conceição Evaristo discute ancestralidade; abaixo, painel sobre velhices LGBTQIA+ com o geriatra Milton Crenitte, o ativista Luis Baron e o jornalista Yuri Fernandes

tou como suas vidas, desde a infância, estavam de alguma maneira entrelaçadas, mas separadas pelo abismo social existente no Brasil – ele, um menino branco de classe média, passando férias em Belo Horizonte; ela, uma menina pobre e negra, às margens da sociedade.

Kalache também agradeceu por tudo o que aprende com os escritos de Conceição. "Você faz dessa exclusão, tão presente, tão estruturante, tão perversa, um canto heroico, uma literatura inovadora. E cada vez que leio seus livros eu aprendo mais e mais. Você me ajudou muito a me autoeducar, porque não é possível ser antirracista, antissexista ou anti-LGBTista se não arrancarmos os botões inseridos dentro de nós", disse. Numa homenagem emocionada, Kalache leu o conto *Fios de ouro*, da autoria de Conceição, que fala sobre a ancestralidade. O conto está no livro *Histórias de Leves Enganos e Parecenças*.

Conceição é hoje celebrada como um dos maiores expoentes da cultura brasileira. Mas nem sempre foi assim. Sendo a segunda de nove irmãos, criada em uma favela em Belo Horizonte, foi com grande perseverança e determinação que fez seus estudos, até obter o doutorado em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Sua consagração como escritora somente se deu quando já estava com 60 anos. "Quando um imigrante sai de sua terra de origem, ele traz consigo objetos concretos que simbolizam um passado que ficou para trás. Já os povos escravizados não tiveram essa oportunidade, são imigrantes nus. Eles não tiveram tempo de pegar algum objeto quando foram trazidos à força para cá. Eles trazem o poder da memória, da sua linguagem e da sua cultura", disse.

Esse é um tema que ela domina bem. Em seus livros, Conceição revive suas memórias de mulher negra, pobre, traduzindo-as em ficção, usando um estilo batizado por ela mesma como escrevivência, referindo-se à vida que se escreve na vivência de cada pessoa diante do mundo que enfrenta. Seus livros geram identificação e levantam reflexões sobre gênero, raça e classe.

Convidado para fazer parte da conversa, o jovem Alexandre da Silva, especialista em questões raciais e envelhecimento, estrela ascendente da gerontologia e nacionalmente reconhecido, reforçou a importância de olhar para essa ancestralidade como meio de aprendizado. "Quando resgatamos nossos ancestrais, entendemos quem somos de

fato. Só assim consigo entender por que estou aqui. Só olhando para o passado", disse.

Para promover a reflexão, Silva sugeriu um exercício aos participantes: que fechassem os olhos e procurassem encontrar sua ancestralidade – que pensassem em seus avós, seus tios-avôs, seus tataravôs. "O que vocês falariam para eles? O que eles diriam se soubessem que você está aqui?", perguntou Silva. Para o especialista, a sociedade brasileira não aprendeu a cultuar sua ancestralidade.

Se a ancestralidade é parte importante de quem somos, também cabe à pessoa idosa passar esses valores para os mais jovens e cultivar um ambiente de troca. "O jovem potencializa o velho. O que me mantém com vigor é o diálogo que tenho com meus filhos, com meus netos, com vocês que estão aqui presentes. Essa aprendizagem me potencializa e é uma maneira de cultivar essa ancestralidade. Não podemos abandonar os que já foram. Infelizmente, na nossa sociedade o velho ainda é visto como intruso, aquele que não faz mais nada, um peso para o Estado", disse Conceição. Para ela, temos que andar na contramão desse pensamento e cultivar experiências em que a pessoa idosa tem lugar. "Quando esse lugar se mistura com o lugar do mais jovem, isso nos potencializa. Lembre que a pessoa só morre quando cai no esquecimento. Enquanto as novas gerações louvarem, essa pessoa estará viva."

No encerramento, Conceição Evaristo leu o poema *Do velho ao jovem*, do seu livro *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*, lançado pela editora Nandyala, que conecta tudo o que foi dito durante o Fórum. O momento emocionou os presentes, que a aplaudiram de pé:



Alexandre Kalache conversa com Conceição Evaristo no painel Ancestralidade

Do velho ao jovem (Conceição Evaristo)

Na face do velho as rugas são letras, palavras escritas na carne, abecedário do viver. Na face do jovem o frescor da pele e o brilho dos olhos são dúvidas. Nas mãos entrelaçadas de ambos, o velho tempo funde-se ao novo, e as falas silenciadas explodem. O que os livros escondem, as palavras ditas libertam. E não há quem ponha um ponto final na história Infinitas são as personagens... Vovó Kalinda, Tia Mambene, Primo Sendó, Ya Tapuli, Menina Meká, Menino Kambi, Neide do Brás, Cíntia da Lapa, Piter do Estácio, Cris de Acari, Mabel do Pelô, Sil de Manaíra, E também de Santana e de Belô e mais e mais, outras e outros... Nos olhos do jovem também o brilho de muitas histórias. e não há quem ponha um ponto final no rap É preciso eternizar as palavras da liberdade ainda e agora...

Realização









